

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: AÇÃO E LINGUAGEM NA  
CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO NA PSICANÁLISE DE  
FRANÇOISE DOLTO**

*Aline Malagi*

Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Bolsista de Iniciação Científica (PICV) e Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade GEDUS-UNIOESTE.

E-mail: alinomalagi@gmail.com.

*Giseli Monteiro Gagliotto*

Pedagoga, Psicóloga e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp – SP, é professora Adjunta Nível B do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Pesquisadora do Grupo Educação e Sociedade GEDUS-UNIOESTE.

Email: giseligagliotto@ig.com.br

*Simaia Lazzarin Huguenin da Silveira*

Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) e Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade GEDUS-UNIOESTE.

E-mail: simaia23@bol.com.br.

**Resumo:** O artigo consiste em um estudo bibliográfico tomando por base os escritos da psicanálise, a partir do pensamento de Françoise Dolto, que demanda o conhecimento de conceitos próprios do seu trabalho, que partem dos estudos de Freud e de Lacan. Sua teoria funda a visão de criança enquanto sujeito da mais tenra idade e parte da concepção de que desde muito pequena a criança é capaz de nos compreender. Através da linguagem corporal, a criança manifesta tudo o que lhe afeta. A criança passa por estágios de castrações simbologênicas como rupturas que confirmam o fim do estágio de desenvolvimento. Essas rupturas são essenciais para as futuras relações do sujeito com o outro durante toda a vida, e neste processo a mãe tem papel central. Dolto desenvolve, sobretudo, sua teoria das castrações simbologênicas. No desenvolvimento de cada criança afirma que há etapas naturais comuns a todas elas. São provas que a ajudam a crescer, e isto segundo um esquema que se repete.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Educação; Sexualidade.

**Abstract:** The article consists of a bibliographical study building on the writings of psychoanalysis, from the thought of Françoise Dolto, which requires knowledge of the concepts of his own work, leaving the studies of Freud and Lacan. His theory establishes the vision of children as subjects of early childhood and part of the view that from a very small child can understand us. Through body language, the child expresses everything that affects you. The child passes through stages of castration as breaks simbologênicas confirming the end of the stage of development. These disruptions are essential for the future relations of the subject with others throughout life, and in this case the mother plays a central role. Dolto develops, especially his theory of castration simbologênicas. In developing each child says there are natural steps common to them all. They are evidence that help to grow, and this according to a schedule that repeats.

**Keywords:** Psychoanalysis, Education, Sexuality.

### **A psicanalista Françoise Dolto**

Dar a infância o lugar de indivíduo como um todo ocupou um espaço central na vida de Françoise Dolto. Mas de onde veio sua incrível determinação como apareceu sua audácia constante para dar à criança sua verdadeira categoria de sujeito? Como e quando se inscreveu este desejo militante pela criança, na pequena Françoise Marrette? Foi no seu nascimento... e sobretudo no início de sua vida.

Françoise Dolto nasceu no ano de 1908 numa família tradicional e de classe média parisiense. Filha de Henri e Suzanne Marrete a pequena Vava é a quarta numa família de 7 filhos, duas meninas e cinco meninos. Sob cuidados de uma babá irlandesa, a menina Marrete foi muito amada por ela, porém a babá levava a menina a lugares impróprios para um bebê e usava cocaína. Quando os pais de Dolto descobriram mandaram-na embora causando a Françoise uma grande tristeza e sofrimento, que encadeou uma broncopneumonia, Françoise foi salva graças aos cuidados de sua mãe que ficava todo tempo com ela.

Quando Françoise tinha doze anos no ano de 1920, sua irmã Jacqueline de 18 anos, que era linda e muito admirada pelos pais morre de câncer. Dias antes Françoise passa a primeira comunhão e sua mãe pede-lhe que reze, pois a oração de uma criança é

pura e somente isto poderia trazer um milagre a família de Marrete. Após dois meses sua irmã Jacqueline falece. Durante 2 semanas a mãe de Françoise se recusa a vê-la, para ela Françoise não soube rezar e não suportava que das 2 filhas não fosse Vavá a morta. Depois da morte de sua irmã, sua mãe transformasse numa mulher amarga e rancorosa passando a culpar Françoise pela morte de Jacqueline. Foi esta perda que despertou em Françoise o desejo de ajudar crianças que eram abaladas desde muito pequenas.

Em 1931 com 24 anos Françoise entra para curso de medicina, mas a culpa pela morte da irmã ainda lhe perturba muito e por conselhos de seu pai que a protegia e a amava muito, diferente de sua mãe, Françoise começa uma psicanálise.

No ano de 1934 ela inicia um tratamento psicanalítico com René Leforgue que durou por 3 anos, pela psicanálise Françoise consegue libertar-se de seus sofrimentos, continuando a estudar e a fazer estágios nos Hospitais infantis e psiquiátricos descobrindo o que se fazia com as crianças que tinham distúrbios de comportamento e que sofriam. Desde estes estágios Françoise se propôs a ouvir as crianças que eram hospitalizadas por serem bagunceiros violentos e sendo um tempo de muito estudo e pesquisas e com pouco tratamento ela da continuidade aos estágios. Em 1935 vai trabalhar num hospital para mulheres de Maisons Blanches, a dificuldade em se trabalhar com adultos afetados é percebida por Françoise que considera a importância de trabalhar com as crianças para a prevenção de distúrbios.

No hospital de Vaugirard no ano de 1936 ela inicia estágio no serviço de psiquiatria para crianças com o professor Georges Heuyer. É nas suas experiências que Dolto muito horrorizada toma conhecimento de como eram tratados os pequenos loucos e que nada podia se fazer-se na visão dos médicos.

Em 1938 renuncia um futuro no hospital por preferir tornar-se médica de crianças. Em 11 de julho de 1939 ela defende sua tese e torna-se a grande médica da educação e psicanalista de crianças.

Entre os anos de 1976 e 1978 trabalhou em vários programas na rádio francesa em que respondia perguntas de pais, sobre como deveriam proceder diante das interpelações e situações da vida das crianças.

## À luz da psicanálise de Françoise Dolto

O estudo de sua obra toma um caráter especial, devido ao seu interesse pela criança pequena, mais especificamente o bebê. Ao tornar-se pediatra, tinha como método de trabalho a necessidade de interpretar as manifestações no corpo da criança para além da doença aparente.

Ou seja, a doença somática podia ter outras causas, que não se reduziam ao funcionamento puro e simples, ou mecânico, do corpo. Durante a Segunda Guerra, por exemplo, o *boom* de enurese que os meninos apresentaram foi lido por ela como uma manifestação edípica, fruto da ausência repentina dos pais que eles agora teriam, na fantasia, de substituir para suas mães (DOLTO, *apud* KUPFER, 2006, p. 566).

A aproximação dos fundamentos psicanalíticos veio contribuir com o seu desejo inicial de estudo relativo à leitura do corpo, sendo que durante seus atendimentos tanto aos pacientes adultos quanto às crianças, agregava a palavra falada às questões do corpo. “Assim, ser uma médica de educação era, no fim das contas, ser uma psicanalista que cuidava das doenças do corpo libidinal que uma criança enfrentava no decorrer de seu desenvolvimento ou, para usar o termo de Dolto, no curso de sua educação.” (KUPFER, 2006, p. 566).

No plano da psicanálise, o aporte essencial de Françoise Dolto foi o de dizer que a criança estava em pé de igualdade com um adulto, e assim sendo ela era um analisando completo. E isto é verdadeiramente uma ruptura em relação a tudo que se disse antes. O que ela diz é que não há diferença entre uma criança e um adulto. Claro, que haverá uma diferença no modo pelo qual eles vão se expressar. É muito raro pedir-se a um adulto para se fazer modelagem ou desenhos, porque simplesmente é mais fácil para uma criança expressar-se pela modelagem ou desenho do que exprimir-se através de uma narração. Isto, claro, é uma diferença, igualmente há uma diferença, a de que o adulto fala do seu passado, fala muito de sua infância, e que a criança o vive no presente. Mas, não há diferença no sentido em que o tratamento, na sua ética é o mesmo, a criança tem direito ao mesmo respeito, não podemos mais dirigi-lo, levá-lo a algum lugar, a querer seu bem, a impor-lhe coisas, devemos ter o mesmo rigor, respeitá-lo, deixá-lo fazer o seu caminho, tanto quanto um adulto.

Desta forma o ser humano, já desde sua infância, é um ser de linguagem e de comunicação, a criança pequena tem uma voracidade de linguagem, isto é, que esta criança que dizemos nascer, ser um tubo digestivo, que somente tem o apetite de abrir a boca e engolir as coisas, devemos interpretar seu abrir a boca também como comunicação. Ele demanda tanto linguagem como leite, ou linguagem através do leite que lhe é dado (primeira forma de comunicação com o mundo). É no corpo ou através do corpo que a criança exprime, ou deixa de exprimir aquilo que não pode exprimir de outra maneira.

Desenvolve sobre tudo, sua teoria das castrações simbologênicas. No desenvolvimento de uma criança, explica ela, que há etapas naturais, comuns a todas elas. São provas que a ajudam a crescer, e isto segundo um esquema que se repete.

Assim,

A função simbólica é fundadora do ser humano, e é ela que permite aos homenzinhos, nascidos impotentes para sobreviver sem a tutela parental, desenvolverem uma relação inter-humana de dependência fundamental primeira em relação àqueles que desempenham, por seu lado, o papel de provisão, e depois, de tutela. (DOLTO, p.215, 1984).

Sendo, “as castrações provas mutantes às vezes não superadas, às vezes realizadas, tendo efeitos simbólicos progressistas ou efeitos patogênicos” (DOLTO, p. 31, 2008). Contudo, tudo o que acontece no ser humano é função simbólica.

São castrações no sentido em que os desejos das crianças lhes são proibidos, como, por exemplo, continuar a mamar, mas são substituídas por propostas mais interessantes que a torna mais cresci e lhe dá prazeres mais importantes. No nosso exemplo, não mais mamar para começar a falar. Portanto, a castração simbologênica é dada com uma fala correta, se consuma e é superada.

Contudo,

A castração simbologênica libera o desejo humano do objeto imaginário em que a simples repetição do prazer não pode senão esconder-se, impedindo-o de finalmente surgir à luz da palavra e do que chamamos essa encruzilhada original do sujeito ao outro e ao Outro. A castração levada por uma palavra verdadeira permite à criança “sair da armadilha do seu desejo” (VASSE, p.2010,1989).

O fato é, quando se diz alguma coisa à uma criança que se orienta no sentido do seu desejo, por meio desta interdição é que lhe proporciona crescimento, pois, a criança sempre entende. As interdições feitas pelo adulto estruturam na criança o valor do seu desejo, desejo este de ir mais longe do que a ação imediata desejada. Pois castração em psicanálise, nada mais é que uma interdição em relação a certas modalidades de obtenção de prazer.

Portanto,

Trata-se de ajudar a criança a satisfazer o seu desejo suas necessidades, e quanto à satisfação de seus desejos, não ajudá-la, mas lhe dar autonomia. Não satisfazer seu desejo mas lhe falar de seus desejos, que sempre são justificáveis, mesmo que não se deseje ajudá-la, ou se não tem condições para dar o que ela pede (DOLTO, p.57, 1999).

Assim, o ideal seria conversar com a criança sobre seu desejo, nessa oportunidade, abrir o mundo de palavras, de representações, um mundo de linguagem, de promessas e prazeres. Pois, para Dolto, “[...] tudo o que é vivo e ainda vivo na linguagem continua a viver sempre porque é uma linguagem de sujeito, e não de um indivíduo num corpo” (DOLTO, p.53, 1999).

É um extraordinário mundo de seres humanos que, às voltas com suas diversas funções simbólicas, não encontram, e formam uma espécie de colcha de retalhos extraordinária, fascinante para a as pessoas que não os conhecem, e que respeitam o humano que há neles, fascinante porque cada um é um mundo todo próprio. Mas é terrível porque são pessoas que não serão livres, e não saberão defender a sua autonomia (DOLTO, p. 22, 1999).

Ainda, concordamos com Dolto (1986), ao afirmar que “(...) o ser humano é acima de tudo um ser de linguagem. Essa linguagem exprime seu desejo inestimável de encontrar um outro, semelhante ou diferente dele, e de estabelecer com este outro uma comunicação” (p. XVI). Ou seja, o desejo é mais consciente do inconsciente e, que a linguagem falada é também desejo e que, diversas vezes, a linguagem falada desvia da verdade da mensagem, com intencionalidade ou não. Sendo assim,

[...] A linguagem, portanto, está presente no decurso da vida fetal, ao menos auditivamente, para o filho do homem, com sensações de bem estar e mal-estar. Depois, a partir de seu nascimento, o lactante fica submetido, ao mesmo tempo às satisfações e insatisfações corporais, ao banho sonoro do grupo em que é educado e que faz encarnar, se assim podemos dizer, a

linguagem no dia-a-dia, com as sensações moduladas de prazer e desprazer de viver seu corpo físico, cujas percepções transformam-se para ele em linguagem passiva agradável ou desagradável (DOLTO, p.216, 194).

Ela considerava, “a palavra é um bom modo de tratamento”, para ela todo agir é linguagem, como por exemplo, um bebê, se falamos dele, daquilo que se passou com ele, do que lhe diz respeito, com o desejo de comunicar-lhe o conhecimento que temos, ele compreende, não sabemos como.

Como diz Dolto (1999),

Para uma criança, tudo é linguagem significativa, tudo o que se passa à sua volta e que ela observa. Ela reflete sobre essas coisas. Uma criança reflete e escuta melhor quanto menos olha a pessoa que está falando. E esse é um dado muito importante (p.10).

Vê-se todos os dias a diminuição dos sintomas de uma criança que sofre de alguma coisa que lhe aconteceu no parto ou depois, que não lhe foi explicada, e que lhe angustia e não é dita. Se não lhe explicamos, ele conserva sua angustia, que desaparece quando lhe é explicada. “Nós, médicos e crianças, observamos todos esses distúrbios de desenvolvimento afetivo das crianças envolvidas nesses conflitos sobre os quais elas achavam que deviam calar” (DOLTO, p. 8, 1999). Para ela, no fundo a psicanálise consiste em buscar a origem da pane, nada mais complicado do que isso. Acreditava que a conversa era um instrumento de recuperação que proporcionava a melhoria das crianças.

Para tanto,

Graças a um banho de palavras sempre asseguradoras em relação com as experiências físicas e que venham assim a apoiar suas iniciativas motoras, a criança escapa aos sentimentos inconscientes precoces de culpa que, quando presentes, não podem senão retirar-lhe o ritmo e entrar o acesso eufórico ao conhecimento de sua identidade, às características naturais de seu sexo, ao domínio autônomo de seu dizer e de seu agir, ao exercício de sua inteligência observadora, discriminadora e criadora, ao exercício de sua imaginação inventiva e de sua autonomia responsável – todas essas coisas que devem desenvolver-se fora qualquer culpa de ordem mágica ou mórbida, passível de sobrecarregar com a neurose o caráter e a saúde dos mais dotados e dos mais precoces, psiquicamente, dentre os seres humanos (DOLTO, p.51, 1984).

Era alguém que escutava as crianças, que daí reiterava conclusões, que aprendia na verdade com as crianças. Não era uma fórmula, ela aprendia com as crianças e servia-se com as outras crianças, deste ensinamento que as crianças lhe traziam. Dizia, que por trás de um sintoma, há uma razão, que produz estes sintomas e, que a psicanálise é como o encanamento ou eletricidade: se há em algum lugar um fusível que queima, existem efetivamente duas soluções: ou bem substitui-se eternamente o fusível, que vai eternamente queimar; e se ele resiste, vai queimar em outro lugar, ou bem se procura a origem da pane.

Geralmente, o que permite à criança de se estruturar, inicialmente, é ser uma pessoa, para seus pais. Porém quando dizemos isto, parece abstrato. Mas é ser verdadeiramente alguém, e não um pedaço do pai ou um pedaço da mãe, uma pessoa verdadeira; isto se traduz simplesmente pelo fato de que quando se está em uma peça, coloca-se o bebê na peça e em seguida se fala com ele, conta-se para ele o que se fez, dirigimo-nos a ele, ele conta como uma pessoa, não está lá como uma coisa que se coloca em seu quarto, e fecha-se a porta.

Eis como podemos entender que tudo é linguagem, e que a linguagem, em palavras, é o que há de mais germinativo, mais fecundante, no coração e na simbólica do ser humano que acaba de nascer. El só pode se desenvolver num corpo de homem ou de mulher, se estiver relacionado com uma voz de homem ou de mulher com uma outra voz associada à de sua mãe (DOLTO, p.20, 1999).

A partir, desta estrutura Dolto afirma que todo ser humano é, a partir de sua origem, na sua concepção, ele mesmo, fonte autônoma de desejo. E que sua aparição viva no mundo (no nascimento) é simbólica nela mesma, do desejo autônomo de assumir-se.

E é com isso que a educação deve se preocupar o tempo todo, em sustentar sempre o desejo do novo, e, em contrapartida, não satisfazer os desejos que, tão logo satisfeitos, entram na escala das necessidades que vai ser preciso repetir, e com uma sensação de cada vez mais forte, porque a necessidade é um hábito e o hábito não nos interessa mais, é uma coisa mortífera (DOLTO, p.27, 1999).

A criança exprime o que ela tem para dizer por um tipo de linguagem que poderíamos qualificar de pré-verbal, isto é, tudo deve ser interpretado: o olhar, a mímica, a posição, a mudança de posição, o choro, os distúrbios que não são



obrigatoriamente distúrbios, mas as manifestações corporais, a tosse, um movimento de cabeça, um grito mais forte neste momento do que no outro. Tudo deve ser interpretado, não se pode interpretar tudo, porque não compreendemos tudo, mas ao menos tudo deve ser comentado.

Pois para Dolto, “...elas não tem linguagem verbal para se exprimirem, mas têm uma linguagem, pois sem isso não se poderia fazer psicanálise com crianças” (DOLTO, p.113, 1999).

É isto que a criança pede, é o desejo de comunicar-se a respeito de algo sobre o que ela alertou, e o que ela alerta é de não ser como um outro. As regras sugerem que todos devem ser educados da mesma forma. Existem etapas sucessivas no desenvolvimento de uma criança e não se deve queimar etapas. Se uma mãe compara normas para uma criança, em tal idade deve ter um dente, dois dentes, três dentes, etc., isto não é absolutamente verdade. O importante é estar o tempo todo na comunicação, o tempo todo na descoberta do novo, isto é a vida. É não estar numa norma. Assim como há vegetais com flores tardias, frutos tardios, frutos precoces, flores precoces, é a mesma coisa com seres humanos.

Assim,

Quando se trata de bebês precocemente perturbados, é preciso cuidar desde cedo. É preciso falar ao bebê do drama no qual foi gestado. E a partir em que se diz a uma criança com palavras, o que perturbou a relação entre sua mãe e ela, ou entre ela e ela mesma, prevenimos um agravamento de seu estado de sofrimento e às vezes evitamos sua entrada nesse caso (DOLTO, p. 26, 1999).

Pois, o que destrói uma criança é sempre o que não é dito. Podemos dizer tudo a uma criança, sem destruí-la. Podemos explicar a uma criança porque seu pai está preso, dizer-lhe absolutamente a verdade, é algo que não vai jamais traumatizá-la. O que ela diz é verdade, não pode traumatizar. Poderá ser doloroso, dar muita angústia, poderá fazer chorar, porque é difícil... Porque dizer a uma criança que seu avô morreu é provocar nele muito sofrimento, mas não pode destruí-la. Ao contrário, esconder de uma criança que seu avô morreu, explicar-lhe que ele viajou, mentir, é algo terrível, Françoise diz, porque a criança, ela sabe sempre intuitivamente a verdade. É tão difícil de falar a verdade, pois foi a verdade que construiu esta criança. Só temos que dizer-lhe a verdade... É tão fácil que é desconcertante...

Isto não quer dizer que se deva, entretanto dizer tudo, o tempo todo, não importa quando. Comentar a vida cotidiana o tempo todo não faz nenhum sentido. É preciso também às vezes saber esperar as perguntas da criança.

O que é importante em um ser humano é o que o faz vibrar, o que interessa, o que o emociona, aquilo que ela não vê, que o faz viver e que dá sentido à sua vida. É isto que deve ser dito às crianças, a todos, como o mais importante nas suas personalidades. Pois, [...] o desejo brota de dentro, e tem a necessidade imperiosa de se exprimir externamente. E é isto que devemos apoiar, ainda que não seja uma coisa fácil, e justificar, proporcionando os meios, se for possível [...] (DOLTO, p. 66. 1999).

E é isto o que importa na linguagem utilizada com a criança, a veracidade dos fatos, como afirma Dolto, “é importante na linguagem que usamos com o bebê, por menor que seja, assim como as crianças maiores: é de sermos verdadeiros no que diz respeito ao que sentimos, qualquer que seja essa verdade – o verdadeiro, não o imaginário (p. 18, 1999).

A palavra estará sempre presente para ajudar a criança em suas experiências cotidianas. Nos jogos, não se fara coisas no lugar da criança, mas se dirá a ela como fazê-las. Assim a criança aprende a se “outo-maternisar”, isto é, a assegurar, sozinha a satisfação das suas necessidades.

Portanto,

Tudo o que é vivo e ainda vive na linguagem continua a viver sempre porque é uma linguagem de sujeito, e não de um indivíduo num corpo; é verdade que aquilo foi mediatizado por alguém, pela mediação de um corpo, em um dado momento da existência humana, mas o sujeito criativo é atual, ainda e sempre, através de uma sutil mediação que é a obra. E toda obra é linguagem de amor e de desejo (DOLTO, p. 52, 1999).

Os desejos distinguem das necessidades pelo fato de que podem ser falados e satisfeitos de forma imaginária, já as necessidades são necessárias/indispensáveis para a sobrevivência. Com a criança tudo deve ser dito por meio de palavras verdadeiras, para que o agir seja educativo, sendo o resto uma fraqueza momentânea.

Françoise Dolto tem um pensamento próprio, sim ela está na esteira do pensamento freudiano, do pensamento lacaniano, mas ela tem uma maneira de abordar muito própria, e é uma maneira de abordar muito própria, porque uma das grades características de Françoise Dolto é a sua clínica. Dolto entre um grupo que se originou

de Lacan, é aquela que te uma clínica das mais fecundas e que sempre tornou visível o seu trabalho.

Ela trabalha sempre a partir de uma perspectiva, em que a situação triangular é fundamental, portanto um dos referentes básicos da sua clínica é a dimensão edípica, mas a maior contribuição de Dolto ao pensamento psicanalítico, à clínica psicanalítica é o seu conceito de imagem de corpo. Que conceito é esse? Imagem do corpo nada tem haver com esquema corporal, esse esquema corporal seria um tipo de apreensão da corporeidade, é muito mais relacionado há uma compreensão do corpo experimental representativa que possibilita o indivíduo ter uma noção do seu lugar do corpo em termo das suas relações espaciais e temporais.

Mas quando Dolto aborda a questão da imagem do corpo, ela está falando na verdade de um corpo imaginário, este corpo imaginário estaria fundado no lugar em que a criança está situada em meio à situação edípica.

Então, para Dolto, a imagem do corpo é o elemento que aparece com maior clareza no jogo da criança, no desenho da criança. Trata-se então, do analista poder fazer a leitura da imagem do corpo que a criança apresenta por meio do seu jogo, a fim de poder compreender os lugares que a criança está marcada e a maneira como a corporeidade da criança foi marcada de um ponto de vista libidinal.

Por essa razão, Dolto trabalhava fundamentalmente com argila ou plastilina, às vezes com desenhos, disponibilizava esse material a fim de que a criança pudesse modelar algo. A primeira modelagem que a criança realiza em meio a situação transferencial, permite à Dolto poder compreender como que a criança está marcada do ponto de vista libidinal e, desta forma, poder fazer uma intervenção por meio da fala, por meio de uma interpretação, para assinalar a situação da criança.

Sendo esta,

[...] uma linguagem diferente da falada. O desenho é uma estrutura do corpo que a criança projeta com a qual articula sua relação com o mundo. [...] através do desenho a criança espaço-temporaliza sua relação com o mundo. Um desenho é mais que o equivalente de um sonho. O desenho faz existir concretamente a imagem do insciente do corpo em sua função mediadora (DOLTO, p. 30, 2008).

O importante não é o desenho como elemento figurativo, mas sim, a forma como os fundos do desenho são feitos que revela verdadeiramente as imagens inconscientes do corpo.

A imagem corporal tem um eixo que se desenvolve pelos aspectos libidinais que vão sofrendo uma maturação ao longo do tempo, ela também vai sofrendo influências pela maneira, pelas falas, pelo lugar em que os pais colocam a criança, ou seja, pelo lugar que ocupa no triângulo edípico. Dolto está preocupada como apreender o corpo libidinal, o corpo imaginário da criança.

Ela tem nesse sentido, contribuições como, por exemplo, no momento oral, onde a criança então estaria relacionada a mãe pela necessidade de receber, a criança tem uma imagem de si ligada ao mundo vegetal, ela é como uma planta, ela recolhe do mundo os elementos simbólicos que de alguma forma represente a sua situação.

A criança no momento que começa a ganhar domínio da musculatura estriar, momento em que passa a ter o controle dos esfíncteres, ela é um ser que pode se mover, a criança bebe só pode ser regado, a criança que estaria na etapa anal do desenvolvimento poderia se mover, então, Dolto vai mostrar como nesta etapa a criança se identifica mais claramente com o modo de se dos animais do que dos seres humanos, questão que leva as crianças a um certo fascínio pelos animais e pelos desenhos que reproduzem de uma forma geral são animais que falam. Até que essa imagem corporal vai ganhando facetas, que revela o ponto que a criança se encontra dentro a situação edípica, que implica então por reconhecimento da própria sexualidade, e isto vai aparecer também na imagem corporal.

A imagem corporal tem um eixo que se desenvolve pelos aspectos libidinais que vão sofrendo uma maturação ao longo do tempo, quanto ela também vai sofrendo influências pela maneira, pelas falas, pelo lugar em que os pais colocam a criança, ou seja, pelo lugar que ocupa no triângulo edípico. Faz a leitura do jogo da criança simbólico, de objetos parciais, preocupada como apreender o corpo libidinal, o corpo imaginário da criança.

Dolto percebe que determinados pacientes, adultos ou crianças, que em decorrência de sua biografia não puderam constituir uma imagem do corpo libidinal frente às demandas da oralidade, percebe que para fazer um tipo de intervenção, ela vai precisar fazer um tipo de intervenção plástica, por um objeto não por uma palavra.

Tinha uma clareza, de que uma pessoa poderia não ter constituído um corpo libidinal, se ela não tivesse constituído.

Ela tinha clareza daquilo que era o registro constitutivo e daquilo que era o registro da simbolização. Ou seja, aquilo que é da ordem do constitutivo não é desejo é uma necessidade, então desejo se interpreta, necessidade se satisfaz. Necessidade é tudo aquilo que busca constituição, primeiro precisa ter boca, corpo, para depois a experiencia simbolizadora poder ocorrer.

Para tanto,

O trabalho psicanalítico nos coloca diante do fato de que, se as necessidades tem que ser satisfeitas na realidade por uma consumação, há uma outra coisa no ser humano, a que Freud chamou de libido, o que é o desejo. O desejo que, em sua origem, é sempre inconsciente, tal como a necessidade, pede também o apaziguamento da sua tensão numa realização, numa consumação para o prazer; mas a característica do desejo é suportar a não-realização imediata e pode, por esse fato, sofrer transformações contínuas, até satisfazer-se de um modo ou de outro. O desejo não satisfeito, que assim permanece em estado de tensão, pode aí reforçar-se e precisar-se. Assim, cada um de nós se torna capaz de inventar e criar inconscientemente meios de brincar com nosso desejo e trazer-lhe apaziguamento, quando não há resposta no ambiente (DOLTO, p. 215, 1984).

Por isso, nosso recurso à teoria psicanalítica de Françoise Dolto, justificou-se por sua especial atenção destinada às crianças buscando com precisão as origens dos problemas enfrentados além das causas aparentes. Também no que se refere às ações e às palavras dirigidas pelos adultos às crianças. Os estudos desenvolvidos por Dolto permitem a construção de relações saudáveis nas instituições e nos processos educativos.

Françoise Dolto reconhecia a criança como sujeito de si mesma em consonância com a psicanálise que considera os indivíduos como sujeitos de seu inconsciente. Desenvolveu para além da teoria psicanalítica uma teoria pessoal em que considerava a criança e o adulto a partir de tais aspectos: sujeito, linguagem, desejo e corpo. Sua concepção de sujeito passa por determinadas categorias: ser de alteridade, onde alteridade leva à tolerância, direitos da criança e direitos dos adultos. Conforme se desenvolve, a criança passa por experiências, como estágios necessários para sua formação e evolução, o que denominou “castrações”.

No sentido que aborda, a denominação castração difere do conceito utilizado por Freud e se refere a uma espécie de provação, que representa a forma como o desejo vai

se organizando e que deve se dar de forma diferente, ou seja, o desejo deve mudar de objeto. E, para tanto, é necessária e especial a ação do adulto no sentido de fazer com que a criança conheça a resistência diante do choque dos seus desejos com outros desejos diferentes, e com outras idades diferentes da sua.

Buscamos responder, em que medida os estudos psicanalíticos fundamentados no trabalho de Françoise Dolto, se aproximam dos apontamentos freudianos no que se refere ao desejo de saber e contribuem para uma prática educativa consciente e enriquecedora acerca da sexualidade da criança e do adolescente e a educação? Identificamos que a aproximação dos fundamentos psicanalíticos veio contribuir com o seu desejo inicial de estudo relativo à leitura do corpo, sendo que durante seus atendimentos tanto aos pacientes adultos quanto às crianças, Dolto agregava a palavra falada às questões do corpo.

Os trabalhos de Françoise Dolto, apresentam um pensamento próprio da autora, que caracterizam a sua clínica. Para ela, o ser humano, já desde sua infância é um ser de linguagem e de comunicação; a criança pequena tem uma voracidade de linguagem. No plano da psicanálise, o aporte essencial de Françoise Dolto é o de dizer que a criança está em pé de igualdade com o adulto, e que dessa forma ela era um analisando completo. E isto é verdadeiramente uma ruptura em relação a tudo que se disse antes.

Podemos dizer que Françoise Dolto, nesta matéria, foi pioneira, na época em que ela começou a dizer que se poderia falar com as crianças pequenas, por exemplo, incluídas aí aquelas que não possuíam a palavra, pois, todo ser humano é, a partir de sua origem, na sua concepção, ele mesmo, fonte autônoma de desejo. Sua aparição viva no mundo (no nascimento) é simbólica nela mesma, do desejo autônomo de assumir-se.

## **Referências**

AUBRY, Jenny; *et al.* Seguindo os passos de Françoise Dolto. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

DOLTO, Françoise. Tudo é linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. No jogo do desejo – ensaios clínicos. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1984.

\_\_\_\_\_. A Imagem Inconsciente do Corpo. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DOLTO, Françoise; NASIO, J.-D. A criança do espelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Françoise Dolto: uma médica de educação. In **Revista Mal-Estar e Subjetividade** [online]. 2006, vol.6, n.2, pp. 561-574. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200013&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200013&script=sci_abstract) – Acesso bv em 01/05/2011.

RASSIAL, Jean-Jacques. Da imagens inconsciente do corpo. In: AUBRY, Jenny; *et al.* Seguindo os passos de Françoise Dolto. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

VASSE, Denis. O evangelho e o inconsciente. In: AUBRY, Jenny; *et al.* Seguindo os passos de Françoise Dolto. Campinas, SP: Papyrus, 1989.